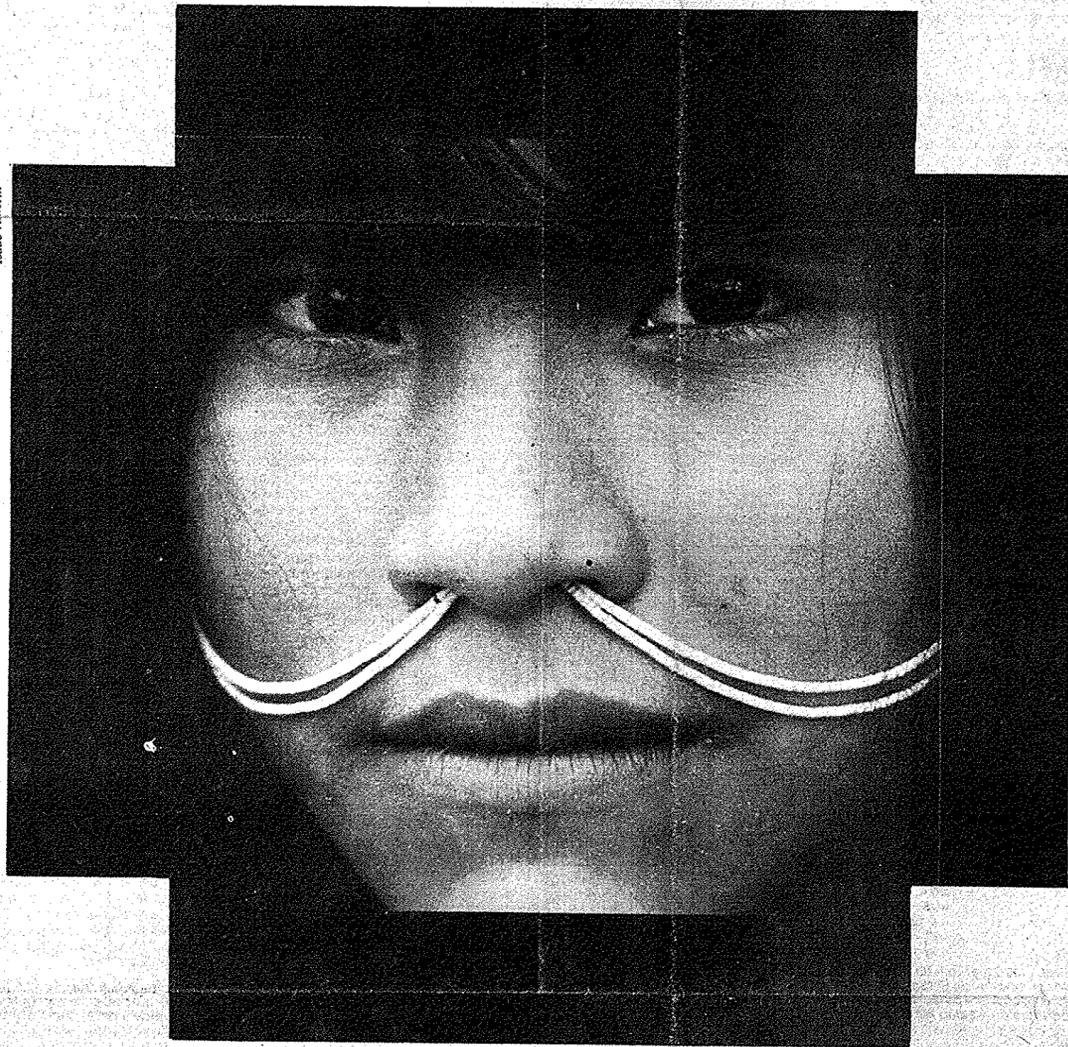


190

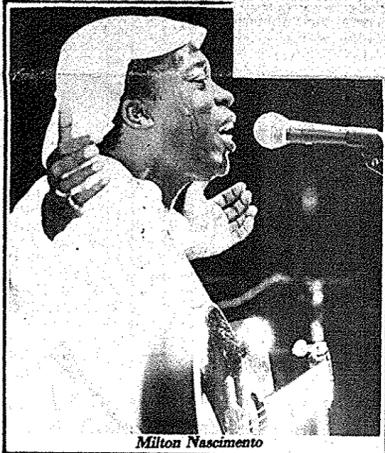
LUX JOURNAL RECORTES LTDA
SUC. BELO HORIZONTE

Diário da Tarde-Caderno 2

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA MILTON NA BATALHA



Isaac Amorim

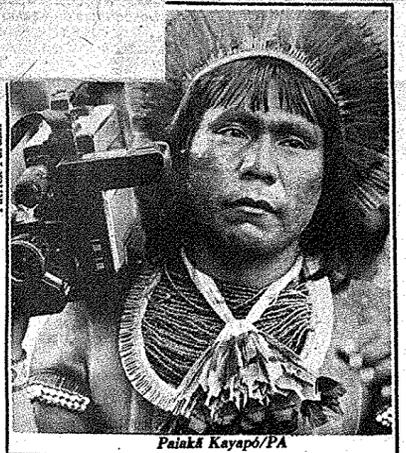


Milton Nascimento

Marubo/AM

A defesa da Mata Amazônica — e das demais no Brasil e em outros países — ganhou um apoio importante, com o lançamento da "Aliança dos Povos da Floresta", na semana passada, em São Paulo: o de Milton Nascimento. O projeto, que reúne seringueiros, índios e ribeirinhos, e conta com adesões especiais e de entidades ecológicas, começa a dar seus primeiros passos com os shows e segue depois em disco, viagens e outras atividades. Os representantes das duas categorias iniciais e o cantor Milton Nascimento falaram à imprensa em SP sobre a Aliança e o que ela significa agora e no futuro.

Neide Magalhães



Paink Kayapó/PA

Tudo começou há muito tempo, segundo Milton Nascimento. "Desde 76 há um envolvimento da minha música com os temas ecológicos". O primeiro exemplo vem com a letra de "Promessas do Sol", em parceria com Fernando Brant, sobre a perplexidade nativa diante de um País desgovernado: "Que tragédia é essa que cai sobre todos nós?". Outra música posterior, que não leva a assinatura do compositor mas registrada por ele no "Clube da Esquina 2", mergulha nas águas já não tão férteis do rio Araguaia ("Canoa, Canoas", de Nelson Angelo e Brant). No mesmo disco, um "Testamento" (de Angelo e Milton) também fala de uma "reserva desse índio". Mas foi na produção de "Yauaretê" em 87 que o artista teve "um contato mais forte", como conta Márcio Ferreira, da Quilombo. A idéia do artista era de traduzir a letra de "Planeta Blue" para uma língua indígena. Afirmados o engajamento e a união com os Povos da Floresta, a música aparece junto à Declaração da Aliança em três línguas: suruí, terena e guarani.

Na ativa

Mas a participação do cantor não fica nisso e ele mesmo reitera seu papel de ativista: "Não estou aqui como porta-voz porque não tenho conhecimento maior do assunto. Não se trata de uma festa, mas da preservação da vida. Não é apenas um disco ou um show. Descobri que a música dos índios do Norte ao Sul é forte, incrivelmente do fundo do Alma. Então é um terço da nossa alma que está apagado, porque ela é feita de uma parte índia, outra negra e outra branca". Milton explica que o maior contato com a música indígena começou quando recebeu filhas de Marcos Terena e Ailton Krenak para fazer um trabalho sobre os rios e que agora tudo será ligado à sua aliança com os povos da floresta. "Vou trabalhar com temas deles a partir deles e vamos tocar juntos no estúdio, nos seus lugares e nos shows".

Antes do disco, que deverá ser lançado no segundo semestre pela CBS e é o elepê do ano de Milton Nascimento, os shows e tudo o que for feito agora estão diretamente relacionados com a causa. O ponto de partida foi a edição paulista do projeto "Basf Chrome Music", que o reuniu a Paulo Moura e Clara Sandroni, no final da semana em São Paulo, com o lançamento da proposta, que para o cantor "tem de chegar primeiro ao coração das pessoas". O show já trouxe mais adesões à Aliança, com Moura e Clara, que também se dispõem a divul-

gar a proposta e os projetos da associação ecológica. O saxofonista lembrou a atuação de Sting como um exemplo, dizendo que tem de "lutar com a minha música para que as gerações futuras tenham melhor qualidade de vida".

Enquanto não entra em estúdio para a gravação do disco, Milton Nascimento leva adiante suas coisas. Ainda nesta semana ele grava os três temas que o bailarino norte-americano David Parsons irá coreografar em seu novo espetáculo, com estréia na Broadway em setembro deste ano. A princípio seria apenas uma música escolhida entre as três enviadas a Parsons. "Encantado", no entanto, com o material, o coreógrafo deu seu aval à tripla. A presença de Milton na estréia está confirmada, o que já não acontece com os shows que deverão ser feitos ao lado de Sting, Herbie Hancock e outros músicos do primeiro time.

Confirmada ou não a turnê com outros astros, Milton Nascimento começa em julho a excursão pela Europa e Estados Unidos — além da inclusão de um show em solo canadense — com "Miltons", seguindo até agosto. No dia 14 de julho ele é convidado de honra no Palácio dos Champs Elysées (Paris) da primeira-dama Danielle Mitterrand na festa oficial dos 200 anos da Revolução Francesa. Depois da França, o artista e "entourage" seguem para apresentações em Bruxelas, Roma, Madri e Barcelona. A parte norte-americana tem shows em Nova York, Miami, São Francisco e Los Angeles, e mais Montreal, no Canadá. "A tour será menor por causa da Aliança" — explica Márcio Ferreira. Segundo o empresário do cantor, o lançamento do disco será feito em todo o mundo, "começando por shows em cidades ribeirinhas no Brasil e fora daqui. A prioridade do projeto é brasileira, mas a idéia é universal".

Aliança

Munidos de palavras certas e despojados de todo o romantismo paternalista que cerca o povo indígena e os ecologistas por afinidade — os seringueiros e ribeirinhos — os representantes da Aliança dos Povos da Floresta foram diretos em suas mensagens. Ailton Krenak, o coordenador nacional das Nações Indígenas (180 tribos espalhadas pelo Brasil), quer que o projeto seja entendido em sua emergência: "Vivemos num planeta e preservar apenas uma aldeia pode significar uma ilha protegida no meio de um deserto. Queremos conversar com as pessoas do mundo e oferecer técnicas que determinam o

modelo de ocupação das terras sem quebrar o equilíbrio ecológico, ensinar o governo a fazer um desenvolvimento sem destruir o que existe".

Júlio Barbosa, presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, conta que a situação na Floresta Amazônica passa por um momento muito difícil, mesmo com a possibilidade de se criarem mais reservas extrativistas. "A reserva só não resolve, se o seringueiro continuar vivendo como agora. Estamos também em busca de melhorias". Os seringueiros explicam que "o apoio de outras pessoas, como o Milton Nascimento, vai somar forças à Aliança". Em sua sabedoria natural, eles fazem também a sua previsão: "Se a floresta for devastada, ela virará um grande deserto, porque ela é nova e os rios não têm um leito definido".

O projeto apresenta, inicialmente, alguns aspectos já determinados. Um deles é travar uma efetiva "amizade com as populações que não são da floresta, para que possam entender os compromissos de cada indivíduo com a vida", nas palavras de Ailton Krenak. A forma adotada para colocar em prática esta amizade varia entre debates, shows e outros programas que aparecerão depois. "O lançamento da campanha será através de um selo, que será lançado ainda neste semestre no Brasil e no segundo semestre no exterior, com uma imagem educativa que será o nosso jeito de falar com as pessoas. Segundo Krenak, "o projeto tem também objetivos de levantar fundos que serão aplicados nos programas de pesquisa para as populações indígenas e dos seringueiros. Vamos fazer cinco milhões de selos para cinco milhões de pessoas, para quem estaremos comunicando a nossa idéia".

Com as imagens sobrepostas da extração do látex e uma marca de urucum; "os dois signos da floresta e a nossa impressão digital", o selo será vendido a um cruzado no Brasil e ao valor de uma moeda em cada país onde for divulgado. "Por isto mesmo nós o chamamos de "um por um" e, se ele vender em dólar, serão cinco milhões de dólares, o que seria ótimo para nós" — argumenta Krenak, que diz ser esta "a maneira mais ampla e consistente de lutarmos pelo pensamento do planeta. Nossa proposta é diferente dos projetos de desenvolvimento limitados e regionalizados. Somos filhos da terra — os índios são aqueles filhos que gostam mais da mãe e vivem na barra de sua saia, enquanto os outros só se lembram dela de vez em quando. Tudo que

é contra a terra é contra os seus filhos e, enquanto continuarmos ferindo a nossa mãe, estaremos sendo feridos também".

A Aliança será divulgada, num primeiro momento, nos grandes centros do Brasil, partindo depois para regiões diferentes. O próprio Milton Nascimento afirma que "tudo o que a gente fizer daqui para a frente tem a ver com isto. Não há mais como separar". Antes de fechar a idéia do disco, o artista vai filtrar as coisas que viu e ficar mais próximo de seus aliados "para conhecer realmente o que está acontecendo". Feliz com o convite dos "Povos da Floresta", ele prefere, ainda assim, não colocar sua imagem à frente de índios e seringueiros. Seu nome, porém, atrai uma quantidade ainda mais relevante de adesões para a causa ecológica, que já conta com participações artísticas célebres, como Fernando Gabeira e Lucélia Santos. Apesar de o envolvimento de Sting e seu trabalho com Raoni pelo mundo — divulgando a Fundação Mata Virgem, que está relacionada com a Aliança — não ser aceito por gregos e troianos da mesma forma, outros apoios estão aparecendo. O último é do "beatle" Paul McCartney, que fez uma música especialmente para o líder seringueiro Chico Mendes, assassinado no Acre em dezembro. Na música, o músico inglês fala também da defesa da Floresta Amazônica, um assunto já muito mais do mundo que brasileiro. Hoje, em qualquer ponto do planeta, alguém já ouviu falar — e já deu sua opinião — sobre o assunto.

Par essas e outras razões, a Aliança tem muito pela frente, segundo seus organizadores. Márcio Ferreira conta que "seu ponto culminante será em 1992, nos 500 anos do Descobrimento da América, para mostrar ao mundo o que há aqui". Em um cartaz com 19 rostos de índios e seringueiros, inclusive Chico Mendes — que chegará aos mais diferentes lugares — uma mensagem fala em "acolher todo esforço de proteção e preservação deste imenso, porém frágil, sistema de vida que envolve nossas florestas, lagos, rios e mananciais, fonte de nossas riquezas e base de nossas culturas e tradições". Ou como nas palavras preconizadas de Fernando Brant para a música de Milton Nascimento: "Você me quer belo/ E eu não sou belo mais/ Me levaram tudo que um homem precisa ter/ Me cortaram o corpo à faca sem terminar/ Me deixando vivo, sem sangue, apodrecer" — antes agora do que depois, quando então já for tarde demais.